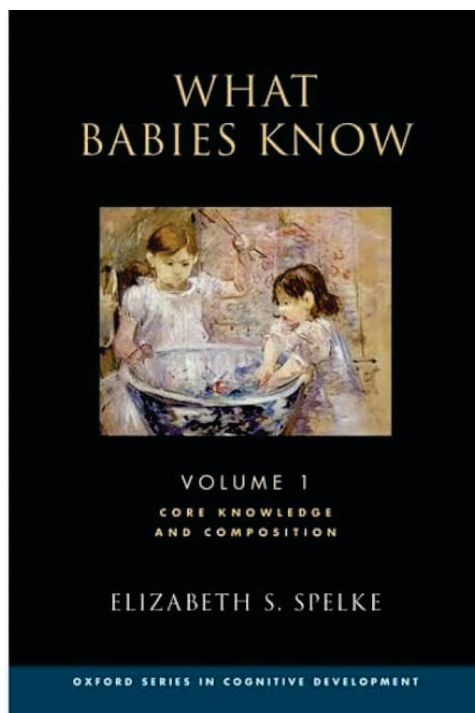


RESENHA/REVISIÓN/REVIEW



SPELKE, E. S. *What Babies Know. Core Knowledge and Composition Volume 1*. Oxford: Oxford University Press, 2022¹.

Violeta Amélia Magalhães*

Centro de Linguística da Universidade do Porto

A obra *What Babies Know* foi publicada em 2022 pela psicóloga cognitiva Elizabeth S. Spelke. Organizado em dez capítulos precedidos de um prólogo, o livro aborda o desenvolvimento infantil ao longo do primeiro ano de vida partindo do conceito de *core knowledge*.

Core knowledge ou *conhecimento de base* (tradução nossa) consiste num conjunto de seis domínios cognitivos (lugares, objetos, números, formas, agentes e seres sociais) por onde se distribui o conhecimento abstrato que posteriormente fundamenta todas as experiências explícitas. Relativamente a trabalhos anteriores (vd., por exemplo, Spelke; Kinzler, 2007), esta é desde logo uma informação relevante, dado que anteriormente apenas quatro sistemas haviam sido descritos pela autora (a saber: objetos, agentes, números e espaço). Assim, após a secção introdutória do prólogo, a obra divide-se nos seguintes capítulos: 1. Visão, 2. Objetos, 3. Lugares, 4. Número, 5. Conhecimento de Base, 6. Formas, 7. Agentes, 8. Cognição social de base, 9. Linguagem, 10. Para além do conhecimento de base (traduções nossas).

De acordo com esta obra, a linguagem não constitui um domínio do conhecimento de base, antes relacionando-se com todos eles, ao mesmo tempo que os potencia. Assim, o capítulo 9, dedicado à linguagem e objeto da presente revisão, incide sobre a atenção e as aprendizagens que as crianças retiram perante a fala que, sendo-lhes diretamente dirigida ou não, as rodeia durante os seus primeiros doze meses de vida.

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00022/2020.

* Doutoranda em Ciências da Linguagem (Linguística) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseira da FCT ref. 2024.02966.BD. Assistente Convidada na Unidade Técnico-Científica de Ciências da Linguagem e Literatura da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Atua na área da Psicolinguística e do processamento semântico da linguagem. E-mail: violetadmag@gmail.com .

A premissa da autora é que as crianças recém-nascidas são capazes de interiorizar qualquer língua ao *ouvir* a fala que lhes é dirigida e partilhada à sua volta. Daqui emergem duas importantes considerações. Por um lado, relativiza-se a importância da interação direta com a criança, abrindo-se espaço à multiplicidade cultural do mundo que inclui modelos díspares de educação e integração da criança no meio social. Por outro lado, *ouvir* relembra-nos a capital necessidade de identificar e agir categoricamente perante casos de surdez, porquanto a exposição precoce a uma língua gestual determinará a aquisição de uma língua nativa por parte de indivíduos que experienciem essa condição.

O capítulo 9 divide-se em oito secções, além da secção de conclusão, que apresenta considerações relevantes. As primeiras quatro (1-4) incidem sobre a aquisição fonológica e morfossintática da língua. As secções cinco e seis (5-6) tratam a aquisição sintática e as últimas duas (7-8) focam-se na aquisição semântica e pragmática. De seguida, apresentaremos as informações mais relevantes de cada uma dessas secções.

Ao longo deste capítulo a autora não distingue o termo *learning* (aprendizagem) de *acquisition* (aquisição), preferindo sempre o primeiro em detrimento do segundo. Na nossa opinião, isso pode relacionar-se com o facto de a linguagem não ser considerada um conhecimento de base, este último posicionado do lado de uma maturação cognitiva implícita.

É possível, porém, que ao longo desta revisão possamos optar pelo termo *aquisição* ao falarmos dos processos que, não requerendo esforço consciente, se desenvolvem na primeira infância relativamente à linguagem. Tomamos esta decisão pois em Português o conceito de aprendizagem é tipicamente resvalado para o domínio do saber explícito, declarativo e instrutório, contrário ao modo como Spelke nos mostra desenvolver-se o conhecimento linguístico ao longo do primeiro ano de vida da criança.

Segundo Spelke (2022, p. 356-357), as crianças estão predispostas a prestar atenção a vocalizações humanas, revelando desde cedo uma preferência percetiva pela fala em detrimento de outras sequências auditivas com um perfil temporal e espectral semelhante (por exemplo, fala invertida, em que os enunciados são mecanicamente reproduzidos de trás para a frente). Apresentam assimetrias cerebrais nas regiões corticais relacionadas com a linguagem três meses antes do parto e, por volta dos quatro meses de idade, é visível uma maior ativação das áreas da linguagem localizadas no hemisfério esquerdo perante a audição de fala em língua nativa. Estudos citados pela autora demonstram uma maior atenção por parte de recém-nascidos na audição de textos a que foram expostos durante o período de gestação uterina comparativamente com excertos inteiramente novos.

A sensibilidade perante línguas naturais revela-se ainda na preferência atencional da criança por línguas não nativas em detrimento de quaisquer outros sons não linguísticos, o que leva Spelke (2022, p. 355) a afirmar que a primeira infância se revela uma boa altura para aprender línguas.

A autora salienta que a disposição inata para a linguagem, acompanhada da respetiva exposição e estimulação, serve tanto as línguas orais como as gestuais. Redirecionando o foco na oralidade, é lembrada a indissociável relação que a linguagem estabelece com outras cognições por via das propriedades multimodais das línguas, tais como a integração visual operante na descodificação linguística através do reconhecimento de expressões faciais (Spelke, 2022, p. 358).

Na segunda secção do capítulo, a prosódia é introduzida como um aspeto central na aquisição da(s) língua(s) materna(s). As investigações referidas neste ponto evidenciam a preferência dos recém-nascidos pela prosódia da língua materna por comparação à de outras línguas, utilizando inclusivamente esse tipo de informação linguística para discriminar e agrupar línguas de acordo com o seu grau de familiaridade (Spelke, 2022, p. 358). Dados reunidos na mesma fonte relativamente ao Francês revelam que as alterações prosódicas que marcam o princípio e o final de sintagmas – mudanças que, num espaço de milésimos de segundo, ocorrem ao nível do timbre e da duração das vogais – são precocemente detetadas pelas crianças, mostrando que estas são sensíveis aos indicadores prosódicos que delimitam as fronteiras sintagmáticas quer na(s) língua(s) materna, quer em língua(s) estrangeira(s). Como tal, a sensibilidade da criança à prosódia não parece poder resultar apenas de mecanismos gerais de perceção auditiva. Nesse sentido, defende-se nesta secção o carácter específico e inato de tal competência, uma vez que a criança distingue fronteiras

sintagmáticas por via da prosódia em língua(s) nativa(s) e em línguas às quais nunca foi exposta, revelando assim uma predisposição específica para atentar em pistas reveladoras da estrutura abstrata das línguas (Spelke, 2022, p. 359).

Por último, a precoce competência prosódica da criança aparece validada pelas suas primeiras vocalizações, visto que o choro do recém-nascimento tipicamente enfatiza as características fonológicas (prosódicas) da língua natural em causa (Spelke, 2022, p. 360).

A terceira secção aborda um dos aspetos mais consensuais sobre a aquisição da linguagem: a capacidade de distinção fonemática que as crianças revelam desde o primeiro mês de vida. Essa competência corresponde a um declínio que a criança experiencia entre o primeiro e o sexto mês de vida relativamente à sensibilidade e atenção perante contrastes fonémicos irrelevantes para o contexto da(s) sua(s) língua(s) materna(s). A criança deixa de prestar atenção às características fonológicas de outras línguas, focando-se cada vez mais nas distinções fonémicas relevantes para a(s) língua(s) da(s) qual(is) é falante, tornando-se *especialista* no processamento dos padrões sequenciais que regem a ordem de ocorrência e combinação dos fonemas em L1 (Spelke, 2022, p. 360-362).

A autora refere ainda que esta especialização contrasta com a predileção pela novidade que a criança manterá noutros domínios, como a descoberta de objetos e eventos (Spelke, 2022, p. 361).

À semelhança do que acontece com outras subcomponentes linguísticas, Spelke se refere que também a aquisição do léxico tem um início precoce: aos 4,5 meses, as crianças já atentam ao seu nome próprio e com 7,5 meses reconhecem no contínuo da fala palavras a que haviam sido previamente expostas de forma isolada, começando aos 6 meses a conectar as palavras que ouvem aos respetivos referentes (Spelke, 2022, p. 362). Durante o primeiro ano de vida, o número de palavras cujo significado as crianças identificam aumentará substancialmente e, de acordo com a autora, isso é notório no papel cada vez mais influente que o léxico detém na atenção visual que a criança dispensa aos objetos físicos que a rodeiam (Spelke, 2022, p. 363).

Todavia, o desenvolvimento lexical será lento e progressivo, uma vez que implica, antes de mais, a segmentação do contínuo sonoro da fala em unidades isoláveis, i.e., em sintagmas. Para isso, a criança poderá socorrer-se da prosódia, que oferece importantes pistas para a delimitação de fronteiras sintagmáticas (ver secção 2), sobretudo por via de estratégias como a fala dirigida à criança (*child-directed speech*) que consiste, entre outras características, em exagerar os padrões de acentuação prosódica da fala.

Adicionalmente, a autora do capítulo refere ainda que a aquisição lexical decorre da observação estatística do ambiente sonoro que é a fala. Seguindo Spelke (2022, p. 364), as crianças desde cedo observam e analisam a fala, inferindo as probabilidades combinatórias das sílabas (por exemplo, que sílabas podem seguir-se umas às outras e qual o papel das consoantes na sílaba) e identificando regularidades distribucionais que lhe permitem distinguir palavras de não-palavras no léxico da(s) sua(s) língua(s) materna(s).

Na quinta secção, a autora problematiza a aquisição das palavras funcionais, cuja definição estrita parece pretender questionar, ao mesmo tempo que destaca a relevância dos morfemas funcionais (como, por exemplo, afixos nominais ou verbais) no desenvolvimento da competência sintática argumentando que, desde cedo, as crianças reconhecem e categorizam esse tipo de unidades (Spelke, 2022, p. 369).

A opção por abordar este tópico é, segundo Spelke, motivada pela elevada frequência deste conjunto de palavras no discurso das/os falantes. Note-se, porém, que durante uma das primeiras fases do desenvolvimento linguístico – a fase do discurso telegráfico – a criança tende a omitir as palavras funcionais (preposições, conjunções, entre outras) da sua fala. No entanto, ainda que não as produza, reconhece desde cedo a presença ou omissão das mesmas na fala que a rodeia, uma vez que tende a preferir enunciados que contêm palavras funcionais em detrimento de enunciados que as suprimem (Spelke, 2022, p. 370).

Investigações introduzidas nesta secção apontam para que, logo após o nascimento, as crianças sejam já capazes de distinguir palavras funcionais de palavras de conteúdo ou de classe aberta (como nomes ou verbos). Para tal, fazem uso de pistas prosódicas, fonológicas e de frequência, que permitem distinguir as duas categorias em causa (Spelke, 2022, p. 371).

O conhecimento linguístico acerca das palavras funcionais vai ajudar na aquisição da restante gramática da língua, nomeadamente facilitando a segmentação de nomes e verbos por parte de crianças com 8 meses de idade. Como explica a autora, a combinação de palavras funcionais com palavras de conteúdo (como, por exemplo, num SN iniciado por um artigo definido) facilita a identificação da natureza categorial do sintagma em causa, uma tarefa que é progressivamente aperfeiçoada após o primeiro ano de vida. Com efeito, por volta do seu segundo aniversário, a criança terá já capacidade para distinguir objetos (nomes) de ações (verbos) por via da sua respetiva combinação com artigos ou pronomes (Spelke, 2022, p. 371-374).

Esta quinta secção do capítulo, orientada para a aquisição de palavras funcionais, permite a reunião de duas principais ilações. Em primeiro lugar, serve a corroboração do carácter inato da faculdade da linguagem, uma vez que, tal como demonstrado pela autora, aquando do nascimento a criança já distingue palavras funcionais das restantes palavras de conteúdo da língua. Em segundo lugar, os dados apresentados por Spelke permitem demonstrar que as crianças utilizam as palavras funcionais para interpretar o sentido da frase, como por exemplo quando, aos 15 meses de idade, respondem apropriadamente a perguntas cuja interpretação depende da presença de constituintes interrogativos.

Conclui-se assim que antes de conseguir dominar proficientemente a produção linguística da fala, a criança encontra já uma estrutura na língua que servirá como pista em direção ao(s) significado(s) (Spelke, 2022, p. 375).

Na continuação do tópico precedente, Spelke aborda questões relacionadas com a ordem e a estrutura sintática da frase, sendo assim notório que a argumentação desenvolvida na secção anterior, favorável a uma priorização das palavras funcionais na aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil, pretendeu legitimar a hipótese de que o aparecimento de noções abstratas de ordem e estruturação sintática precede a aquisição dos dados mais concretos sobre a língua (i.e., aspetos de ordem semântica e pragmática). Deste modo, torna-se também evidente que Spelke pretende demarcar-se de uma perspetiva construtivista sobre a aquisição da linguagem, focada na aprendizagem de palavras (*tokens*), individualmente reunidas em interações concretamente situadas.

O argumento central de Spelke é que a criança infere padrões gramaticais, como a ordem de palavras, num conjunto de dados amplamente imperfeito e potencialmente desordenado como é a fala. Para a autora, esse facto refuta a hipótese de que o conhecimento sintático possa provir apenas de experiências de índole comportamental, tal como proposto por teorias construtivistas. De modo a sustentar o seu argumento, Spelke apresenta algumas provas científicas: estudos que revelam que com 7 meses de idade as crianças identificam a ordem de palavras de uma língua artificial que difere da ordem em L1, bem como a capacidade de mobilização das regras sintáticas de L1 na reação a enunciados ambíguos produzidos numa língua artificial, mostrando-se assim um conhecimento da estrutura sintática de L1 suficientemente seguro para ser transportado para outras línguas (Spelke, 2022, p. 377-378). Em adição, a aquisição da ordem das palavras na frase parece poder ser também potenciada pela presença de palavras funcionais (ver secção anterior), mais concretamente por via das características prosódicas e do grau de frequência de ocorrência das mesmas na fala numa proposta de *bootstrapping* sintático.

Em síntese, dados experimentais apontam para que, pouco depois do primeiro meio ano de vida, as crianças disponham já de conhecimento linguístico sobre a ordem das palavras na frase, reconhecendo padrões de combinação de palavras funcionais com palavras de conteúdo, muito antes de conseguirem, por exemplo, nomear explicitamente sintagmas preposicionais ou nominais (Spelke, 2022, p. 381). Assim, a autora defende que o sistema linguístico da criança se forma primeiramente por uma distinção abstrata entre a função (lógico-gramatical) e o conteúdo (lexical) dos constituintes. Desse modo, a aquisição de propriedades sintáticas abstratas parece receber a posterior aquisição de significados lexicais concretos, embora não esteja ainda totalmente explicado como é que a criança conecta os diferentes conjuntos de palavras (funcionais e de conteúdo) quando estes se combinam em estruturas complexas de dependência hierárquica (Spelke, 2022, p. 382).

A penúltima secção incide sobre a referência e a pragmática, que ganham relevância quando a criança começa a perceber que os discursos veiculam uma perspetiva sobre as coisas e os acontecimentos, havendo uma influência mútua entre linguagem e categorização de experiências, intenções e pensamentos (Spelke, 2022, p. 383).

Por volta do primeiro ano de vida, as crianças começam a fazer uso das características perceptivas dos objetos para os distinguir, evidenciando uma capacidade para inferir diferentes classes (*kinds*) de objetos (Spelke, 2022, p. 385). Porém, tal inferência parece estar relacionada com a linguagem circundante da criança, pois, numa experiência realizada, os pares bola/caneca (em inglês, *ball* e *cup*) e caneca/garrafa (em inglês, *cup* e *bottle*) são identificados como objetos diferentes, mas não o par caneca/chávena que, em inglês, corresponde a uma variação do mesmo nome (*sippy cup* e *teacup*, respetivamente), evidenciando-se assim a influência da linguagem na estruturação cognitiva do *input* perceptivo (Spelke, 2022, p. 385).

Por volta dos 9 meses, as crianças revelam a expectativa de que dois objetos diferentes sejam introduzidos por dois nomes distintos, mesmo quando outras pistas comunicativas as orientam em sentidos divergentes, podendo encontrar-se numa fase de *realismo nominal* (Piaget, (1971[1929]; Spelke, 2022, p. 385). Spelke (2022, p. 390) se refere também a importância da participação direta do interlocutor no desenvolvimento semântico-pragmático, uma vez que a criança tende a esperar uma contribuição comunicativa relevante, adequada e verdadeira por parte de quem com ela fala, pois será o cumprimento dessas condições que permitirá inferir logicamente informação de enunciados que podem assumir uma estrutura não informativa como, por exemplo, perguntas.

A linguagem assume importância na estruturação do mundo, inicialmente através da ligação das palavras a entidades específicas, com formas e funções particulares. Posteriormente, na ativação de representações mais abstratas que, por uma via indireta e simbólica, conectam a linguagem à perceção e conceptualização do mundo (Spelke, 2022, p. 391).

No final do capítulo, a autora reforça o paralelismo entre o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento dos vários domínios do conhecimento de base considerando o foco atencional que a criança atribui a propriedades abstratas em detrimento de atributos concretos e perceptíveis que, em muitos momentos, ignora.

A base biológica da linguagem é reiterada pelas capacidades linguísticas atestadas na experiência intrauterina, no caso de falantes ouvintes, e na capacidade de segmentação da fala dos primeiros meses. Todavia, a linguagem convive com outros processos cognitivos, com os objetos e os acontecimentos, as suas funções e valor social. Como tal, Spelke enfatiza que o conhecimento dos processos de aquisição e desenvolvimento linguístico não poderá demarcar-se de um estudo do cérebro, da cognição e das vertentes socioculturais e afetivas envolvidas.

Embora o capítulo proponha uma relação com os domínios do conhecimento de base, não é ignorada a singularidade que a linguagem apresenta relativamente à restante cognição, sobretudo por via do seu carácter simbólico e recursivo. Aqui Spelke (2022, p. 400) enfatiza as propriedades combinatórias e composicionais que, ancoradas numa relevante base sociocultural, permitem a geração de inúmeras representações abstratas, dando origem a uma faculdade verbal única.

Resta-nos recomendar vivamente a leitura do capítulo *Language* de Elizabeth Spelke. Apresentando-se como um texto da especialidade, a sua leitura pode não se afigurar fácil e imediata perante o leitor mais iniciante. No entanto, é um documento que oferece uma visão suficientemente aprofundada e simultaneamente panorâmica e atual sobre a aquisição da linguagem na primeira infância, munindo o leitor de inúmeras referências que o/a conduzirão aos caminhos desejados.

O capítulo oferece uma discussão vasta incluindo dados reunidos por investigadores de várias áreas (Linguística, Psicologia, Neurociências), enquadrados em diversas opções teóricas, evidenciando assim uma tendência para a convergência entre posições tradicionalmente distantes.

Em suma, podemos apenas aguardar com expectativa a publicação do segundo volume, *How Children Learn*, onde a autora se ocupará do desenvolvimento dos mesmos temas nos anos de vida seguintes.

REFERÊNCIAS

PIAGET, J. *The child's conception of the world*. 3. ed. Plymouth: Routledge, 2007 [1929].

SPELKE, E. S. *What Babies Know. Core Knowledge and Composition Volume 1*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

SPELKE, E. S.; KINZLER, K. D. Core knowledge. *Developmental science*, v. 10, n.1, p. 89-96. Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2007.00569>. Acesso em: 7 fev. 2024.



Recebido em 16/09/2024. Aceito em 06/11/2024.